

**O ENSINO DE GEOGRAFIA NA EDUCAÇÃO BÁSICA:
uma análise da relação entre a formação do docente e sua atuação na Geografia
escolar**

Francisco Otávio Landim Neto

Graduado em Geografia – Universidade Federal do Ceará
otaviogeo@oi.com.br

Maria Edivani Silva Barbosa

Professora do Departamento de Geografia – Universidade Federal do Ceará
edivanisb@yahoo.com.br

Resumo

A Geografia, na Educação Básica, deveria permitir e possibilitar aos educandos uma apreensão crítica da realidade, pois os mesmos devem se colocar de forma propositiva diante dos problemas enfrentados. Neste sentido, o presente estudo visa analisar as condições em que ocorre a formação do professor de Geografia, através das práticas docentes vivenciadas na Educação Básica. E compreender de que forma ela interfere na construção e (re) construção da Geografia escolar, verificando-se a relação entre formação inicial do professor e qualidade do ensino ministrado em duas escolas em que atuamos: Dáulia Bringel e Edite Alcântara Mota. Para tanto, os fundamentos teórico-metodológicos desta pesquisa se apóiam em trabalhos de estudiosos como Cavalcanti, Kaercher, Callai, Pontuschka, Seabra de Lima e Resende. A metodologia operacional utilizada destaca-se na aplicação de questionários, entrevistas. Também na efetivação de observações dos ambientes escolares. Foi realizado o confronto entre o material coletado nos trabalhos de campo e as anotações do trabalho de interpretação do material bibliográfico de apoio que fundamenta o presente estudo. Dessa forma elaboramos um diagnóstico das possíveis causas que justificam a falta de interesse dos alunos pelas aulas de Geografia. Ao final, apresentamos um encaminhamento metodológico, com contribuições a melhoria do processo ensino-aprendizagem desta disciplina.

Palavras Chave: Ensino de Geografia; Formação de Professor e Geografia Escolar.

THE TEACHING OF GEOGRAPHY IN THE BASIC EDUCATION:

An analysis of the relationship between the teacher's formation and your performance in the school
Geography

Abstract

Geography in Primary Education should enable and allowing learners a critical view of reality, as they should be placed in a purposive view of the problems faced. In this sense, this study aims to examine the conditions under which formation occurs teacher of geography through the practices experienced teachers in Basic Education. And to understand how it interferes with the construction and (re) construction of school geography, verifying the relationship between initial teacher training and quality of teaching in two schools in which we operate: Dáulia Bringel and Edite Alcântara Mota. For both, the theoretical and methodological foundations of this research are based on the work of scholars such as Cavalcanti, Kaercher, Callai, Pontuschka, Seabra de Lima and Resende. The operational methodology used stands out in questionnaires and interviews. Also in the realization of observations of school environments. Was carried out confrontation between the material collected during field work and notes the work of interpretation of bibliographic material support that underlies this study. Thus we make a diagnosis of possible causes that justify the lack of student interest by geography lessons. Finally, we present a routing methodology, with contributions to improving the teaching-learning process of this discipline.

Keywords: Teaching of Geography; Teacher's Formation and School Geography

Introdução

O ensino de Geografia deve permitir aos educandos uma análise crítica da realidade, pois estes devem se colocar de forma propositiva diante dos problemas enfrentados na família, na comunidade, no trabalho, na escola e nas instituições das quais participam. Dessa forma, tem-se uma tomada de consciência sobre as responsabilidades, os direitos e deveres sociais, com o intuito de efetivamente tornar o aluno agente de mudanças desejáveis para a sociedade.

As razões pelas quais resolveu-se dissertar sobre essa temática estão relacionadas às condições de ensino da rede pública e particular de escolas localizadas no interior do Estado do Ceará e na Capital. Portanto, destacam-se as dificuldades enfrentadas no processo de ensino-aprendizagem da Geografia escolar que existiam ou ainda existem, caracterizado como um ensino enfadonho e acompanhado por práticas de memorização dos conteúdos geográficos. Então, a partir dessa realidade busca-se entender como as práticas pedagógicas têm contribuído na construção e reconstrução do ensino de Geografia na Educação Básica.

Neste estudo, analisam-se as condições em que ocorre a formação do professor de Geografia através das práticas docentes vivenciadas na Educação Básica. Busca-se, também, compreender de que forma ela interfere na construção e reconstrução da Geografia escolar. Verifica-se a relação entre a formação do professor de Geografia e a qualidade do ensino ministrado nas escolas, a saber: Dáulia Bringel, escola particular localizada na cidade de Fortaleza, e a E.E.M Edite Alcântara Mota, escola pública localizada na cidade de General Sampaio-CE. Analisam-se as metodologias de ensino utilizadas pelos professores de Geografia que lecionam no Ensino Médio. Através desse estudo, identificam-se alguns fatores que justificam o fracasso da Geografia nas escolas pesquisadas.

A construção do presente texto é estruturada em duas partes: na primeira, analisa-se a relação existente entre a formação inicial do professor de Geografia e a qualidade do ensino da referida disciplina; na segunda, demonstram-se os fatores que explicam a falta de interesse dos alunos pelas aulas de Geografia, em que é verificada a percepção dos estudantes acerca da Geografia escolar. Vale ressaltar que à medida que

os resultados são apresentados, são sugeridas propostas metodológicas e recursos didáticos que visam a melhorias no processo ensino-aprendizagem da Geografia escolar.

Percepção da relação formação de professor e ensino de Geografia

Tradicionalmente, os conteúdos ensinados na Geografia escolar são marcados pela fragmentação do saber e pelo distanciamento da realidade cotidiana dos educandos. Por isso não é estranho afirmar que esta postura tem contribuído para uma aprendizagem mecânica, que em nada ajuda o aluno a dar sentido aos saberes geográficos. Infelizmente, essa é uma realidade que persiste na maioria das escolas brasileiras. Sobre esse assunto Callai (2001 p.139) faz a seguinte observação:

São aspectos naturais e humanos do espaço geográfico, traduzidos em aulas sobre relevo, vegetação, clima, população, êxodo rural e migrações, estrutura urbana e vida nas cidades, industrialização e agricultura, estudados como conceitos abstratos, neutros, sem ligação com a realidade concreta da vida dos alunos.

Conforme orientam Azambuja & Callai (1999, p.189), os conteúdos não deverão ser estudados apenas no seu caráter informativo, mas principalmente como meio formativo da capacidade de raciocínio geográfico, de interpretação dos fenômenos socioespaciais.

Embora se queira avançar, pois, no âmbito das discussões acadêmicas, muitas coisas estão resolvidas, a prática da sala de aula é ainda hoje assim, extremamente fragmentada em itens sem sentido, isolados e, no conjunto, sem o encadeamento que permite dar significado à Geografia escolar. Em parte, essa fragmentação dos conteúdos é resultado direto da uma formação acadêmica na qual se tem docentes e discentes fechados em seus mundos geográficos, pois a especialização dos conhecimentos já é incentivada desde o início do curso de graduação. È nesse sentido que Vesentini, ao realizar uma crítica aos cursos de graduação, adverte:

Formar especialistas é uma atribuição dos cursos de pós-graduação (ou de especialização) e não da graduação. E o geógrafo (professor ou não, pois essa diferença no fundo é ou deveria ser pouco importante) deve ter uma formação completa na sua área, estando apto a dar aulas no ensino elementar ao ensino médio, e a exercer outras atividades nas quais a sua presença costuma ser requisitada: análise ambiental, turismo, planejamentos etc. (VESENTINI, 2009. p. 239).

Convém destacar que a formação do professor se constitui um elemento primordial para a construção e reconstrução dos conhecimentos geográficos

fundamentais e de seus significados sociais. Para tanto, não basta ao professor ter domínio da matéria (conteúdos), torna-se necessário que o docente tenha a capacidade de pensar criticamente, desvendar os processos que permeiam a realidade social e que se coloque como sujeito transformador desta realidade.

Compreende-se que a Geografia é uma disciplina de caráter estratégico¹ na qual, inicialmente, a construção da aprendizagem é fundamentada na consideração da realidade vivenciada do cotidiano para se buscar diversos questionamentos, que levem o professor a realizar de forma adequada as explicações no interior de uma sala de aula. Cavalcanti aponta alguns questionamentos que são levantados para uma aprendizagem mais significativa, como:

O que é a Geografia escolar na atualidade? Como ela se realiza? Como o professor a constrói? Quais os desafios da prática do ensino da Geografia? Quem são os alunos da Geografia? Como são esses alunos? Como praticam a Geografia do dia-a-dia? Como aprendem Geografia na escola? Que significados têm para os alunos aprender Geografia? Que dificuldades eles têm para aprender os conteúdos trabalhados nessa disciplina? (CAVALCANTI 2006, p. 66).

Na atualidade, a ocorrência de dificuldades está relacionada à maneira como são conduzidas as didáticas e metodologias utilizadas na Geografia escolar. Embora haja situações difíceis enfrentadas pelos professores, por exemplo, a baixa remuneração, a formação inicial desqualificada, o excesso de carga horária de trabalho, além do problema da indisciplina e a ausência da família na tarefa de educar, o professor deve buscar alternativas para superar e transformar a realidade em que está inserido.

De acordo com Pontuschka (2000), não é possível pensar o ensino e a aprendizagem da Geografia sem pensar que ela é parte integrante do contexto escolar. Nessa perspectiva, Kaercher (1999) afirma que, juntamente com outras disciplinas escolares, a Geografia pode ser um instrumento valioso para elevar a criticidade dos alunos, pois trata de assuntos intrinsecamente polêmicos e políticos, quebrando a tendência secular da escola como algo tedioso e desligado do cotidiano.

Pontuschka (2000) também compartilha dessa ideia, pois, segundo ela, a interação com os professores das demais áreas do conhecimento e a cultura escolar é necessária no sentido de mobilizar toda a possibilidade existente nesse espaço em

¹O termo estratégico presente neste estudo está relacionado à importância da Geografia escolar, sobretudo no que diz respeito à formação crítica dos estudantes que devem buscar a compreensão das essências existentes nas relações empíricas.

direção à formação do aluno no seu movimento de vida e nas relações sociais que mantém no interior de grupos sociais e nas instituições a que pertence ou a que venha a pertencer, contribuindo, desta forma, com a construção da cidadania do aluno.

Para haver Geografia crítica (ou uma Geografia renovada), é necessário, segundo Kaercher (2009), que se altere a relação professor-aluno, relação esta que continua, muitas vezes, fria, distante e burocrática. Além disso, é preciso haver uma postura renovada não só de maior diálogo entre professor e aluno, mas também do próprio conhecimento.

O ensino de Geografia vem mudando sensivelmente, embora ainda longe de atingir a maior parte do professorado. Para Kaercher (2009), este ensino continua desacreditado, os alunos, no geral, não têm mais paciência para ouvir os professores. É preciso fazer com que o aluno perceba qual a importância do espaço na constituição de sua individualidade e da sociedade da qual ele faz parte. Nessa perspectiva, há a necessidade de se considerar o saber e a realidade do aluno como referência para o estudo do espaço geográfico.

Neste trabalho, analisa-se a prática da sala de aula de seis professores e de um grupo de doze turmas do Ensino Médio. Dos seis professores pesquisados, os quatro primeiros, denominados P1, P2, P3 e P4, lecionam na escola estadual de Ensino Médio Edite Alcântara Mota, e os outros dois professores, P5 e P6, trabalham na escola particular Dáulia Bringel. No Quadro 1, são apresentados os dados sobre a titulação e as experiências dos professores pesquisados.

Quadro 1: Titulação e experiência do grupo de professores pesquisados

Professor(a)	Gênero	Idade	Curso	Instituição	Licenciado em	Anos de experiência	Pós-graduação
P1	Feminino	22	Licenciatura específica em História.	Universidade Estadual Vale do Acaraú.	Curso não concluído	3 anos	Não
P2	Masculino	41	Licenciatura específica em Matemática e Física.	Universidade Estadual Vale do Acaraú.	2004	20 anos	Não
P3	Masculino	38	Pedagogia com habilitação em História e Geografia.	Universidade Estadual Vale do Acaraú.	Curso não concluído	15 anos	Não
P4	Feminino	30	Pedagogia com habilitação para Língua Portuguesa.	Universidade Estadual Vale do Acaraú.	2008	2 anos	Não

P5	Masculino	33	Licenciatura em Geografia.	Universidade Federal do Ceará.	2008	4 anos	Não
P6	Masculino	45	Licenciatura em Geografia	Universidade Estadual do Ceará.	1995	20 anos	Não

Observa-se que os quatro primeiros professores não possuem habilitação em Licenciatura em Geografia. Apresentam formação em História; Licenciatura em Matemática, Física e Pedagogia, com habilitação em Língua Portuguesa. Diante dos dados, pode-se elencar um problema que justifica a ausência de um ensino de Geografia mais significativo, a falta de habilitação desses profissionais para trabalhar com o ensino da Geografia.

No Quadro 2, é apresentada uma síntese das observações realizadas durante as aulas de Geografia. É analisada a utilização de alguns recursos didáticos, como o uso de mapas, livro didático e lousa.

Quadro 2: Uso do mapa; do livro didático e da lousa.

Prof.(a)	Uso do mapa	Uso do livro didático, relação professor-LD	Uso da lousa
P1	Praticamente inexistente, utilizou apenas uma vez e rapidamente, quando demonstrou a localização da região Nordeste.	Frequente. Pode-se perceber que há uma total dependência do LD (ocorre a leitura do livro em sala de aula).	No geral, a não ser para escrever as atividades para casa.
P2	Ausência total de mapas.	Frequente. Há um total apego ao LD, é através deste que a aula é construída (ocorre a leitura do livro em sala de aula).	O quadro não foi utilizado de nenhuma forma pelo professor.
P3	Ausência total de mapas.	Frequente. Percebe-se um total apego ao LD (ocorre a leitura do livro em sala de aula).	O quadro não foi utilizado de nenhuma forma pelo professor.
P4	Ausência total de mapas.	Frequente. Percebe-se um total apego ao LD (ocorre a leitura do livro em sala de aula).	O quadro foi utilizado para copiar atividades a que os estudantes iriam responder.
P5	Ausência total de mapas.	O professor não utiliza o LD. Ele constrói a aula baseado em textos de apoio.	O quadro é frequentemente utilizado, onde o professor escreve tópicos que ele vai construindo no decorrer da aula.
P6	Ausência total de mapas.	O professor não utiliza o livro didático. Constrói a aula de acordo com a apostila.	O quadro geralmente é utilizado para escrever alguns tópicos relacionados aos conteúdos ministrados.

Conforme observa-se, a cartografia escolar ainda não é vista como um instrumento necessário para se trabalhar os conteúdos geográficos. Os mapas são pouco explorados em sala de aula, apesar de serem um instrumento didático importante no ensino de Geografia, pois, através deles, o estudante compreende e desenvolve capacidades sobre a representação espacial. No geral, os professores ainda utilizam esse instrumento como se fosse um conteúdo a mais a ser ensinado nas aulas, depois, ele é totalmente esquecido. Nesse sentido, Kaercher faz a seguinte assertiva:

Pode parecer paradoxal, mas se usa pouco o mapa nas aulas de Geografia. E, curiosamente, para a maioria das pessoas Geografia faz lembrar... mapas. Os motivos podem, inclusive, escapar ao nosso controle, as escolas nem sempre estão bem equipadas. E outra característica: trabalha-se mais “projeções cartográficas (que tende a ser chato) do que significado, interpretação e/ou construção de mapas. Mapa vira um “conteúdo” cristalizado, um produto pronto (KAERCHER, 2009. p. 228).

Quando o mapa foi utilizado, percebeu-se que a professora P1 não demonstrou conhecimento sobre os elementos básicos constituintes do mapa, como: título, escala, legenda, fonte e coordenadas geográficas, sendo utilizado apenas para a localização das sub-regiões presentes no nordeste brasileiro, conteúdo trabalhado no dia em que foi realizada a observação de aula.

A linguagem cartográfica deve ser utilizada pelo estudante, tendo por base a contextualização das categorias de análise da Geografia e dos conteúdos que estão sendo estudados. Nesse sentido, Katuta apresenta dois pressupostos para o ensino de cartografia, no primeiro, afirma:

A apropriação e o uso da linguagem cartográfica deve ser entendidos no contexto da construção dos conhecimentos geográficos, o que significa dizer que não se pode usá-la *per se*, mas como instrumental primordial, porém não único, para elaboração de saberes sobre territórios, regiões, lugares e outros. Se a supervalorizarmos, em detrimento do saber geográfico, corremos o sério risco de defender a linguagem por ela mesma, o que, a nosso ver, a esvazia em sua importância e significado tanto no ensino superior quanto no básico (KATUTA, 2009, p.134).

Já o segundo pressuposto apresentado por Katuta (*idem*, p.134) defende que:

A apropriação e utilização da linguagem cartográfica depende não só, mas em grande parte, das concepções de Geografia e do ensino dessa disciplina que os professores e seus alunos possuem. Por exemplo: se entendermos que ela é uma ciência e/ou disciplina que tem como objetivos apenas localizar e descrever os lugares, o uso que se fará da linguagem cartográfica e de seus produtos, tais como mapas, catodiagramas, gráficos, quadros, plantas e outros, será o de mera localização e descrição dos fenômenos.

Com relação à utilização do livro didático pelo professor, observa-se que os quatro primeiros se tornaram reféns desse recurso didático, daí surge uma indagação: O que faz o professor elaborar e executar uma aula baseada na reprodução dos conteúdos que estão presentes no livro didático? Sousa Neto (2008 p.25) afirma que “se a formação profissional for desqualificada, os professores tenderão a ver nos livros e nos currículos prescritos a sua tábua de salvação e reproduzirão exatamente aquilo que está colado nas páginas”. Através de observações realizadas nas salas de aula, constata-se a existência dessa realidade presente na maioria das aulas ministradas pelos professores. Uma primeira constatação diz respeito à forma de ministrar a disciplina de Geografia, que é feita, muitas vezes, sem qualquer formação inicial em Geografia. A aula é desenvolvida com a leitura coletiva do livro didático pelos alunos e professores, o que contribui para um total desinteresse pelas aulas de Geografia, isso reforça o estigma que a Geografia carrega de ser algo fúnebre, chato, cansativo e enfadonho.

Diante do exposto sobre a aula de Geografia como sinônimo de leitura do livro didático, é necessário verificar a relação professor-aluno (P-A). A palavra disciplina aqui é usada no sentido estrito: relativo silêncio. Há um bom ambiente de trabalho, há respeito entre P-A?, Esse respeito é acordado ou mantido sob vigilância mais repressiva? As relações P-A são tensas ou não? Os alunos estão atentos (At), estão gostando (G)? Embora pareçam subjetivas, as impressões abaixo não devem ser tomadas isoladamente nem ao “pé da letra”, mas, no conjunto, fornecem boas indicações da relação P-A e do “clima” da sala de aula. O Quadro 3 demonstra uma síntese de observações referentes à interação professor-aluno (P-A): aspecto disciplinar.

Quadro 3: Interação professor – aluno: aspecto disciplinar

Prof.(a)	Dificuldades com a disciplina (Aspectos gerais)	Interação professor aluno	Alunos At? G?
P1	Apresenta grandes dificuldades em ministrar a disciplina, desconhece as categorias de análise da Geografia, não possui domínio sobre o conteúdo; a aula é construída com a reprodução do livro didático. Grande apatia e desânimo dos alunos.	Relação amigável, porém os estudantes mostram-se dispersos. A professora pergunta, e ela mesma responde. As explicações são muito rápidas e simplificam demais, porque dão todas as respostas sem que os alunos precisem pensar juntos.	At? Não G ? Não
P2	Apresenta dificuldades para ministrar aulas de Geografia, não possui o domínio do conteúdo, possui deficiências didáticas. A disciplina ministrada é uma cópia do livro didático.	Relação amigável. Os estudantes mostram-se dispersos, impacientes. A intenção pelo que parece, é deixar o tempo passar, pois, o professor se mostra apático, fica sentado atrás de seu birô imóvel.	At ? Não G ? Não
P3	Apresenta dificuldades intelectuais e emocionais para ministrar a disciplina de Geografia. Mais uma vez, viu-	Relação tensa. O professor pede aos alunos que façam a leitura do livro,	At? Não

	se que o professor ministra a disciplina de Geografia através da leitura do livro didático.	porém (eles) conversam continuamente. Xingamentos são comuns. Às vezes, o rancor impera.	G ? Não
P4	Apresenta dificuldades extremas ao ministrar a disciplina de Geografia, pois a professora desconhece noções básicas sobre Geografia. Mais uma vez, temo-se a reprodução do livro didático.	A relação é amigável. O marasmo é facilmente perceptível. Muitas vezes o ambiente é desolador, deprimente. Há alunos indiferentes ao professor. Parece que os alunos não existem. Se professor faz perguntas, não espera as respostas. O professor, no entanto, crê que são participativos.	At ? Não G ? Não
P5	Apresenta domínio dos conteúdos ministrados e uma didática por meio da qual os estudantes participam de forma efetiva da aula de Geografia.	A relação é amigável. Boa interação. As turmas são cooperativas. Os alunos respondem ao que o professor pergunta (no geral, errado). O docente procura contextualizar o conteúdo com o cotidiano local.	At ? Sim G ? Sim
P6	Apresenta o domínio dos conteúdos ministrado durante as aulas e uma boa didática no transcorrer da aula.	Considera-se que a relação é amigável. Porém as turmas se mostram muito dispersas, pois muitos alunos realizam atividades paralelas (leituras de revistas), dormem, e ficam conversando entre si durante as aulas.	At? Não G ? Sim

Com base nos dados apresentados, percebe-se que os professores P1, P2, P3 e P4 apresentam grandes dificuldades acerca da efetivação do ensino de Geografia, sobretudo relacionadas ao domínio dos conteúdos, à didática da Geografia e ao domínio de sala de aula. No que se refere à interação professor-aluno, observa-se uma relação amigável, porém é notória a indisciplina da maioria dos estudantes.

Na sala de aula, diversas situações denotam a pouca importância que a Geografia tem como componente curricular. Esses momentos são caracterizados pela dispersão, pelas conversas paralelas no interior da sala de aula, pela apatia total de alguns alunos, que acabam adormecendo sobre as carteiras sem constrangimento, outros ainda realizam atividades desvinculadas do que está sendo proposto, como leituras de textos de outras disciplinas. Frente a essa realidade, como pode haver uma construção coletiva da aula se o estudante não percebe significado na aula de Geografia?

A única relação tensa observada ocorreu entre o professor P4 e uma de suas turmas, que, já saturada das mesmas aulas, ou seja, da leitura do livro didático, estabeleceu um caos generalizado na sala, ao ponto de o professor não conseguir dialogar. Então, diante do descontrole total, na maior parte do tempo, o professor deixou a bagunça fluir, fez de conta que esteve tudo normal e continuou a leitura “coletiva”, que foi interrompida quando alguns estudantes correram de um lado para o outro na sala de aula, quando começam os xingamentos rotineiros.

Tal realidade suscita uma afirmação *a priori*, a de que o professor não possui domínio de turma. Resposta esta simplória e vulgar, quando, na realidade, as razões da indisciplina na sala de aula transcendem todo esse entendimento de ser simplesmente interpretada como “falta de domínio da turma”. Estaria na competência do professor de Geografia ensinar que não pode xingar o colega? Que é falta de educação correr de um lado para o outro dentro da sala de aula enquanto o professor ou o colega falam? Que é falta de respeito ignorar a fala do outro, simplesmente baixar a cabeça e dormir? Afinal, é de competência da escola ensinar tudo? E a família? Qual o seu papel diante da educação?

Segundo Tedesco (2008), na escola tradicional, a família tem um importante papel para o êxito escolar. Ao discutir sobre essa importância no processo de ensino-aprendizagem, este afirma que:

(...) um dos problemas mais sérios que enfrenta, atualmente, a formação do cidadão é o que podemos chamar de “déficit de socialização” que caracteriza a sociedade atual. Vive-se num período em que as instituições educativas tradicionais – e em especial a família e a escola – estão a perder a capacidade de transmitir, eficazmente, valores e modelos culturais de coesão social (TEDESCO, 2008.p.35 e36).

As aulas planejadas e executadas como palestra são observadas nas práticas dos professores P5 e P6, que utilizam como fundamento central a exposição dos conteúdos de Geografia através da oralidade. Cabe destacar que os dois professores são formados em Geografia, na modalidade licenciatura. A relação entre o livro didático e os professores P5 e P6 é de desapego, pois os professores organizam e se apóiam em textos e apostilas.

Como se pode observar no Quadro 3, no geral, a lousa não é utilizada pelos professores P1, P2, P3 e P4. Quando é usada, serve apenas o docente para escrever as atividades a serem respondidas como tarefas de casa. A esse respeito, Celso Antunes afirma que os professores se comportam da seguinte forma diante da lousa:

Há os que fazem um registro no quadro-negro de tudo quanto falam e a tarefa do aluno é apenas copiar. Esse procedimento é incorreto: existem formas de uso mais coerente deste recurso, que não constitui uma peça a ser usada a critério de cada um. O uso correto deste recurso evita transformar a aula em uma simples cópia, que não trabalha a aprendizagem significativa e não transforma informação em conhecimento nem desenvolve competências nos alunos (ANTUNES, 2005, p. 109).

No entanto, existem outras formas mais produtivas de se utilizar a lousa, pois não se trata de um objeto a mais na sala de aula, mas um recurso visual, que, quando bem utilizado, contribui na organização das ideias que fluem na sala de aula, ajudando no registro dos conteúdos. Segundo Antunes (idem, p.109):

Todo assunto que se transmite aos alunos possui, começo, meio e fim, e uma importante ajuda a sua compreensão é registrar no quadro-negro as etapas deste processo de explicação. Por exemplo: Se o professor pretende explicar “Capitanias Hereditárias” é importante que destaque: (a) o que significa capitanias e por que eram hereditárias; (b) por que se pretendeu implantá-las no Brasil (causas); (c) quais as dificuldades encontradas nesse processo de implantação; (d) por que o sistema não alcançou os objetivos pretendidos; (e) quais são as capitanias que mais prosperaram e por quê; (f) qual o sistema colonização desenvolveu-se após o fracasso dessa iniciativa.

Para enriquecer esse debate, Antunes (2005) ainda faz uma analogia entre o quadro-negro e um mapa rodoviário, demonstrando que o professor deve usar de criatividade para que possa construir uma lousa com um traçado assinalado por pontos importantes de um trajeto. Esse trajeto seria realizado por pontos, ou seja, palavras significativas, que o professor registra na lousa como forma de orientar a aprendizagem do aluno. Uma lousa organizada ajuda o aluno a fazer registros relevantes em seu caderno e, depois, ajuda nas tarefas de casa, pois as palavras anotadas ajudarão o aluno a trazer à memória aquilo que foi discutido em sala de aula.

Observa-se que os professores P5 e P6 utilizam a lousa com frequência. Nela são anotados os esquemas em tópicos que contêm o resumo do conteúdo a ser abordado na aula. Esses professores não só demonstram segurança quanto aos conteúdos ministrados em sala de aula, como também apresentam uma boa didática em sala de aula. Isso reflete em uma boa interação entre o docente e a maioria dos alunos, porém também há a dispersão de alguns alunos durante as aulas.

Apesar de os professores (P5 e P6) terem o domínio do conteúdo e desenvolverem uma didática elementar na aula sem muitos recursos didáticos, os resultados das avaliações e das provas escritas denunciam que a Geografia escolar é uma disciplina insignificante para a maioria dos estudantes. Fato contrastado através das provas escritas, pois observou-se que a maioria das perguntas ficam sem respostas; há presença de erros ortográficos graves e dificuldades de se expressar de forma escrita, muitos alunos transcrevem para as provas as noções do senso comum, o que demonstra a falta de aprendizagem; há dificuldade no entendimento do enunciado das questões, o

que leva alguns alunos a escreverem respostas que não coincidem com aquilo que foi perguntado. De fato, a situação suscita uma questão que merece uma reflexão acerca do sentido da Geografia escolar: Por que os estudantes pesquisados desta escola particular estão com essa apatia geográfica?

De acordo com o professor P5, alguns problemas podem explicar o desconhecimento com relação à Geografia, dentre eles destacam-se:

- Os alunos não estudam em casa, esperam apenas pelo momento das aulas;
- Os alunos chegam do Ensino Fundamental com deficiências de leitura e escrita (ressalta-se que a maioria dos alunos pesquisados fez o Ensino Fundamental no colégio em questão);
- O professor assume o papel de educar os estudantes, sendo perceptível um distanciamento do ato de educar que é inerente à família;
- Os estudantes estão chegando cada vez mais precocemente ao Ensino Médio, apresentando uma imaturidade;
- Os estudantes não participam das aulas, só ouvem e, quando perguntados, dizem que estão entendendo o conteúdo abordado;
- A escola tem sua parcela de culpa, uma vez que não cobra resultados dos estudantes;
- A comunidade escolar é constituída por uma classe média, cujo pais possuem uma condição financeira para arcar os estudos de seus filhos em instituições de ensino superior particulares, o que causa, segundo o professor P5, um desestímulo e um comodismo por parte dos alunos.

Diante do quadro apresentado referente aos fatores que justificam a falta de interesse dos estudantes pela aula de Geografia, propõem-se algumas metodologias que podem tornar a Geografia escolar mais significativa para os estudantes. Para tanto, os professores podem lançar mão de diversas linguagens para trabalhar os conteúdos geográficos. Na escolha dessas linguagens, os professores devem considerar que os educandos estão inseridos numa sociedade mergulhada nas tecnologias da informação e comunicação (TICs). Desconsiderar essa realidade é negligenciar os saberes dos estudantes.

O aluno contemporâneo não necessariamente precisa estar em sala de aula para aprender Geografia. Com a democratização do conhecimento, proporcionada pela mídia, os alunos aprendem cotidianamente através das informações divulgadas pela internet, televisão, jornais, revistas, letras de música, romances, etc. Portanto, a escola e os professores precisam redefinir os papéis assumidos nessa sociedade da informação.

No que se refere ao papel do professor, este se define pela ajuda ao aluno na reorganização dessas informações, auxiliando a selecionar, analisar e interpretar as mensagens, notícias, reportagens e perceber quais são as ideologias, distorções e imprecisões geográficas apresentadas nas informações.

Diversos recursos podem ser utilizados para ajudar na aprendizagem. Dentre estas, podemos citar o uso da linguagem gráfica (gráficos, tabelas, croquis), linguagem cinematográfica; linguagem cartográfica, estudo do meio (trabalho de campo, trilhas em áreas urbanas e rurais, visitas técnicas, trilhas ambientais, excursões), jogos pedagógicos, análise e interpretação da paisagem de forma indireta através de gravuras, fotografias, telas. O uso adequado desses recursos favorece uma melhor compreensão dos conteúdos geográficos.

O professor deve trazer para a aula situações cotidianas para que os jovens possam observar, coletar dados concretos do espaço vivido e elaborar gráficos. A esse respeito, Passini (2005. p.209) afirma: “Essa linguagem [gráficos] é importante para os cidadãos do mundo, porque é universal; expõe a essência da informação; desenvolve o pensamento lógico; uma importante ferramenta para investigação e apresentação de resultados de uma pesquisa”. Os gráficos permitem a representação de dados em diversos conteúdos, ampliam a importância de tais sistemas de representação, sobretudo porque eles não representam apenas uma linguagem matemática mas também permitem o tratamento de diversas informações de outras áreas do conhecimento. No que tange à utilização dos gráficos em sala de aula, Passini (idem, p.214) expõe:

Nós devemos ensinar o gráfico como uma linguagem visual e tão importante quanto a linguagem escrita, para comunicar ou obter informações. Consideramos a importância de reconhecer o gráfico como linguagem que comunica as informações, com organização lógica, por meio da imagem.

Pelo que foi exposto, pode-se afirmar que os gráficos são instrumentos didáticos valiosos na compreensão dos conteúdos, visto que os construtores dos gráficos elaboram uma imagem do que está sendo estudado. Uma outra proposta a ser

apresentada diz respeito à utilização da linguagem cinematográfica no ensino de Geografia. Nesse sentido, Pontuschka afirma que o docente deve:

Dar ênfase a questões eminentemente geográficas e educacionais, baseando-se em um certo método de análise: um retrospecto do filme e análise de alguns aspectos e conceitos concernentes à geografia, à pesquisa e à educação. A idéia é explorar em cada um dos filmes, como maior ênfase, um desses aspectos. O professor, junto com os alunos, poderá selecionar filmes compatíveis com a programação da disciplina escolar (PONTUSCHKA, 2007, p. 265).

A escolha do filme deve ser imbuída pelo planejamento considerado como um elemento a ser levado em conta pelo professor, que precisa conhecer minimamente esta linguagem do cinema - corresponde à integração de múltiplas linguagens (expressão oral e corporal; cor, tendo como um plano de fundo a música). Mas poder-se-ia perguntar: Qual é a importância dos filmes? Pontuschka (2007, p. 280) responde que “o filme tem importância porque pode servir de mediação para o desenvolvimento das noções de tempo e de espaço na abordagem de problemas sociais, econômicos e políticos”. Então, é necessário que esse instrumento didático provoque uma rica discussão entre professores e alunos com o intuito da percepção inicial e compreensão das questões e até mesmo conflitos geográficos presentes nos filmes.

Fatores que justificam a falta de interesse dos alunos pelas aulas de Geografia

Nesta seção, destacam-se as percepções referentes à geografia escolar, como também as contribuições da referida disciplina no cotidiano dos estudantes. São verificadas também as impressões e sensações dos estudantes sobre a aula de Geografia (essas informações foram obtidas através da aplicação de questionários com os estudantes). A pesquisa foi realizada em doze turmas do Ensino Médio, sendo as seis primeiras da Escola de Ensino Médio Edite Alcântara Mota e as seis últimas da escola Dáulia Bringel.

No Quadro 4, são apresentadas as percepções das seis turmas pesquisadas na Escola de Ensino Médio Edite Alcântara Mota. Percebe-se que os estudantes compreendem a Geografia escolar como uma matéria fragmentada, que estuda clima, relevo, solos, vegetação, plantas. A Geografia é, até mesmo, entendida como o estudo dos aspectos físicos, também pode ser facilmente detectado que a Geografia escolar está relacionada às categorias de análise da ciência geográfica (lugar; região; territórios e

paisagens). Acredita-se que isso pode ser um reflexo direto da formação inicial (não geográfica) dos professores.

No que tange à percepção dos estudantes referente às contribuições da Geografia no cotidiano, foi verificado que a Geografia apresenta-se ligada com as noções de compreensão do clima, sub-regiões do Nordeste, diferentes tipos de solos e vegetação visualizados no dia a dia pelos estudantes. Quando perguntados sobre a aula de Geografia, a maioria dos estudantes respondeu que não gostava daquele momento educativo construído em sala. De acordo com os estudantes, os professores não têm o domínio dos conteúdos como também apresentam limitações nas didáticas utilizadas (geralmente fundamentada na leitura do livro didático) durante as aulas. Convém também destacar que parte significativa dos estudantes propõe que o professor de Geografia diversifique as aulas, que são bastante “teóricas”. Então há necessidade da construção (planejamento) e execução de aulas de campo, o que tornará a Geografia escolar mais significativa para os estudantes.

Quadro 4: Percepção dos estudantes da Escola de Ensino Médio Edite Alcântara Mota acerca do que é Geografia, das contribuições da Geografia no cotidiano e da aula de Geografia.

Alunos do Ensino Médio da Escola Edite Alcântara Mota	O que você entende por Geografia ?
<p>Pode-se perceber que os estudantes sempre relacionam Geografia à idéia de que:</p> <ul style="list-style-type: none"> • A Geografia estuda vários tipos de conhecimento; • A Geografia está relacionada às rochas, ao espaço que ocupamos; • Traz o conhecimento de uma determinada superfície geográfica; • A Geografia estuda o espaço geográfico; • A Geografia estuda os lugares, as regiões, os territórios, as paisagens, os países e as economias; • A Geografia estuda as plantas, o meio ambiente e problemas ambientais; • A geografia diz respeito sobre a globalização e a movimentação da Terra; • A Geografia é o estudo dos aspectos físicos. 	
Alunos do Ensino Médio da Escola Edite Alcântara Mota	Quais as contribuições que você percebe da Geografia em seu cotidiano ?
<p>Em linhas gerais, tem-se:</p> <ul style="list-style-type: none"> • Serve para se compreender o clima; as divisões das cidades, as localidades dos Estados e países, e das sub-regiões do Nordeste; • Contribui para um entendimento das variedades dos tipos de climas, solos, vegetação e como variam as temperaturas, os tipos de terrenos que encontramos no dia a dia; • Muitas contribuições como varias coisas no dia-a-dia; que a geografia nós ajuda muito a nos preparar; • Ajuda a melhorar o entendimento sobre questões sociais do Brasil; • Utiliza estatísticas para o controle de epidemias, percepção referentes aos problemas ambientais e aquecimento global. 	
Alunos do Ensino Médio da Escola Edite Alcântara Mota	Você gosta da aula de Geografia ministrada pelo professor?
<p>Em linhas gerais, tem-se :</p>	

- Não, porque o professor costuma aplicar atividades sem explicar, o que dificulta o entendimento delas;
- Não, a professora só faz a leitura do livro didático, não dinamiza a aula;
- Não, há a necessidade da existência de aulas práticas (aula de campo);
- Não, a professora tem dificuldades de ensinar os conteúdos de Geografia.

De acordo com o quadro apresentado, sugere-se que os professores adotem posturas didáticas mais interativas, proporcionando aulas mais dinâmicas. No Quadro 5, são apresentadas, em linhas gerais, as percepções dos estudantes que compõem as seis turmas do Ensino Médio do Colégio Dáulia Bringel. É perceptível que os estudantes compreendem a Geografia escolar como o estudo de mapas, regiões, planetas, climas, relevos, solos, natureza. Dessa forma, a Geografia é compreendida por fragmentos. No que se refere às percepções relacionadas à Geografia e ao cotidiano, destaca-se a presença dos problemas ambientais, das mudanças climáticas, das desigualdades econômicas. Uma parcela dos estudantes informa que a Geografia lhe dá um maior entendimento interpretativo dos assuntos propagados pela mídia em geral.

Com relação à aula de Geografia, a maioria dos estudantes afirma que gosta da aula ministrada pelos professores e que estes demonstram domínio dos conteúdos, também consideram as aulas dinâmicas.

Quadro 5: Percepção dos estudantes do Colégio Dáulia Bringel acerca do que é Geografia, das contribuições da Geografia no cotidiano e da aula de Geografia.

Alunos do Ensino Médio da Escola Dáulia Bringel	O que você entende por Geografia ?
<p>Pode-se perceber que os estudantes sempre relacionam Geografia à ideia de que:</p> <ul style="list-style-type: none"> • É uma matéria que estuda os mapas, os oceanos, as regiões, os planetas, os climas, os relevos, o globo terrestre, a atmosfera, os solos, a natureza, a temperatura, as cidades; • É o estudo do meio e da sociedade em que vivemos, sendo analisados aspectos como política, economia, e outros que podem ser observados na humanidade; • É o estudo do mundo. 	
Alunos do Ensino Médio da Escola Dáulia Bringel	Quais as contribuições que você percebe da Geografia em seu cotidiano ?
<p>Em linhas gerais, tem-se:</p> <ul style="list-style-type: none"> • Percepção de problemas ambientais; mudanças climáticas; política; localização geográfica e desigualdades sociais. • Entendimento dos assuntos veiculados no jornal, na televisão e em outros meios de comunicação; • Permite compreender as relações de desigualdades sociais existentes na sociedade. 	
Alunos do Ensino Médio da Escola Dáulia Bringel	Você gosta da Aula de Geografia Ministrada pelo professor?
<p>Em linhas gerais tem-se :</p> <ul style="list-style-type: none"> • Sim, ele demonstra o domínio do conteúdo, explica muito bem, as aulas são bem dinâmicas; • Sim, o professor ensina muito bem, ele torna a aula engraçada, isso faz com que os alunos prestem 	

atenção na explanação efetuada pelo do docente;

- Sim, o professor é uma enciclopédia de saber, a aula é de fácil absorção, transmite muito bem os conhecimentos, ele ajuda a despertar o senso crítico; é uma aula dinâmica, e o professor domina o conteúdo ministrado;
- Não, o professor poderia trabalhar diferentes textos sobre os conteúdos presentes nas provas, a aula é muito expositiva.

Uma outra metodologia bastante eficaz no ensino de Geografia é o estudo do meio. Essa prática de ensino não só pode despertar os estudantes do sono e do marasmo geográfico, que foi observado durante o acompanhamento da aulas, como também pode trazer a junção entre os conteúdos e o cotidiano dos estudantes, fomentando, dessa forma, uma aprendizagem significativa. Convém destacar que a aula de campo está atrelada ao ensino de Geografia. Nesse sentido, Oliveira & Assis afirmam:

Compreendemos que a aula em Campo atrelada ao ensino de Geografia possa vir a contribuir intimamente na seleção de conteúdos a serem trabalhados em sala, propiciando esses conteúdos uma serventia para a vida dos estudantes no que diz respeito a suas práticas sociais, a sua problematização de natureza e sociedade e seus ininterruptos movimentos na produção das espacialidades do mundo. Construir práticas para a vida é talvez seu maior objetivo, práticas que não devem nunca se assumir enquanto um mero caráter de utilitarismo imediato-passageiro e muito menos fugir da possibilidade de construções uteis utopias por cada um para as necessidades humanas totais. Devemos construir um estudante que compreenda a (re)produção do espaço, para que assim ele possa manifestar sua apropriação (OLIVEIRA & ASSIS, 2009, p. 157).

É necessário que a aula de campo fomente a construção de uma Geografia viva, na qual as práticas sociais sejam construídas e transformadas, em que tenha a capacidade de problematizar as relações que envolvam natureza e sociedade, construindo um saber geográfico no qual tenha-se a junção dos conhecimentos adquiridos tanto em sala de aula como no campo. Nesta perspectiva, Pontuschka fundamenta a aula de campo apoiando-se no estudo do meio que:

Constitui numa metodologia de ensino interdisciplinar que pretende desvendar a complexidade de um espaço determinado extremamente dinâmico e em constante transformação, cuja totalidade dificilmente uma disciplina escolar isolada pode dar conta de compreender” (PONTUSCHKA, 2007, p.173).

Torna-se necessário enfatizar que o estudo do meio se caracteriza pelo movimento de apreensão do espaço social, físico e biológico que se dá em múltiplas ações combinadas e complexas. Para a compreensão e apreensão deste real, faz-se necessária a existência simultânea de vários olhares, da reflexão conjunta. No entender de Pontuschka (idem, p.174):

As áreas específicas do conhecimento que fazem parte do currículo das escolas de ensino fundamental e médio – Língua Portuguesa, História, Geografia, Matemática, Ciências e Artes – combinarão, em um estudo do meio, suas propostas de intervenção pedagógica em cada momento, apontando as contribuições disciplinares a ser fornecidas para o objeto de estudo.

O estudo do meio é caracterizado como instrumento de apreensão do real através da aula de campo, constituindo-se em um método interdisciplinar que visa à integração de múltiplas disciplinas em torno de uma prática que deve propiciar uma (re)significação e em confronto de conceitos e conteúdos estudados em sala de aula com o que foi observado em campo. Dessa forma, o estudo do meio deve ser construído em uma perspectiva interdisciplinar para que consiga atingir com eficiência seus objetivos. O professor deve ter a criatividade da diversificação de suas metodologias de ensino para, que dessa forma fomente com os alunos a construção de um ensino geográfico significativo.

Considerações finais

Através desta pesquisa, procurou-se teorizar o ensino de Geografia com o propósito de compreender qual o sentido dessa disciplina na Educação Básica. Acompanhar a rotina dessas escolas proporcionou uma análise de como está o ensino de Geografia, o que contribuiu para que fossem elencados alguns fatores que justificam o desânimo de professores e alunos para trabalhar com a Geografia. Dentre estes são apontados os seguintes: (1) os professores, em sua maioria, não têm a habilitação em Licenciatura em Geografia; (2) os professores utilizam apenas a aula expositiva como metodologia para trabalhar com essa matéria de ensino, por isso as aulas são monótonas, enfadonhas, o que acaba gerando indisciplina; (3) os professores utilizam o livro didático como único recurso para preparar as aulas; (4) os alunos são desmotivados, pois são sempre submetidos às mesmas aulas; (5) a formação inicial desses professores é desqualificada, pois estes desconhecem outras maneiras de trabalhar a Geografia de forma mais criativa; (6) há falta de formação continuada para melhorar a prática de ensino; (7) não há participação da família no acompanhamento do aluno, deixando para a escola toda a responsabilidade de educar.

Ademais, a escola encontra-se distante do contexto no qual a sua clientela está inserida, o que aumenta o descompasso entre estes dois mundos: o mundo da escola e o mundo dos alunos. No contexto contemporâneo, a realidade em que os alunos estão inseridos é veloz, informatizada, atrativa, cheia de imagens, sons e informações; por sua vez o mundo da escola encontra-se permeado pelas práticas burocráticas, atrasadas, enfim, por um ritual que em nada contribui para tirar a escola e a Geografia da mesmice que tanto desmotiva os alunos. E, suscitar novas discussões, lançam-se duas perguntas: Diante destas constatações, qual o sentido da Geografia escolar na sociedade contemporânea? Como essas práticas podem ajudar a construir e reconstruir o ensino de Geografia?

Referências bibliográficas

ANTUNES, Celso. **Aprendendo o que Jamais se Ensina: O quê é? Como?** Fortaleza: Edições Livro Técnico, 2005.

AZAMBUJA, Leonardo Dirceu & CALLAI, Helena Copetti. A Licenciatura de Geografia e a Articulação com a Educação Básica. In: CASTROGIOVANNI, Antonio Carlos; CALLAI, Helena Copetti; SCÁFFER, Neiva Otero & KAERCHER, Nestor André.(orgs.). **Geografia em sala de aula: práticas e reflexões**. Rio Grande do Sul: Editora da Universidade Federal do Rio Grande do Sul, 1999.

CALLAI, Helena Copetti. A Geografia e a Escola: Muda a Geografia? Muda o Ensino? Revista **Terra Livre**, n. 16. (p. 133-152). São Paulo, 2001

CAVALCANTI, Lana de Souza. **Ensino de Geografia e Diversidade: construção de conhecimentos geográficos escolares e atribuição de significados pelos diversos sujeitos do processo de ensino**. São Paulo: Contexto, 2006.

KAERCHER, Nestor André. **Desafios e Utopias no Ensino de Geografia**. 3ª ed. Santa Cruz do Sul: EDUNISC, 1999.

KAERCHER, Nestor André. O gato comeu a Geografia Crítica? Alguns obstáculos a superar no ensino-aprendizagem de Geografia. In: PONTUSCHKA, Nídia N. e OLIVEIRA, Ariovaldo U. (orgs.). **Geografia em Perspectiva: ensino e pesquisa**. São Paulo: Contexto, 2009. p. 221-231.

KATUTA, Ângela Massumi. A linguagem cartográfica no Ensino Superior e Básico. In: PONTUSCHKA, Nídia N. e OLIVEIRA, Ariovaldo U. (orgs.). **Geografia em Perspectiva: ensino e pesquisa**. São Paulo: Contexto, 2009. p. 133-139.

PASSINI, Elsa Yasuko. Gráficos: Fazer e Entender. In: PONTUSCHKA, Nídia N. e OLIVEIRA, Ariovaldo U. (orgs.). **Geografia em Perspectiva: ensino e pesquisa**. São Paulo: Contexto, 2009. p. 209-215.

OLIVEIRA, Christian Dennys M. & ASSIS, Raimundo Jucier Sousa de. Sentidos da Alteridade e Identidade: A audição. In: OLIVEIRA, Christian Dennys M. **Sentidos da Geografia Escolar**. Fortaleza: Edições UFC, 2009.p.151-176

PONTUSCHKA, Nídia N. Geografia, Representações Sociais e Escola Pública. **Terra Livre**. São Paulo, n. 15, p. 145-154, 2000.

PONTUSCHKA, Nídia. N. O conceito de estudo do meio transforma-se... em tempos diferentes, em escolas diferentes, com professores diferentes. In: VESENTINI, J. W. **O Ensino de Geografia no Século XXI**. Campinas: Papirus, 2004. p. 249 -288.

PONTUSCHKA, Nídia. N.; PAGANELLI, T; CACETE, N. **Para Ensinar e Aprender Geografia. 1ª Ed** -São Paulo: Cortez, 2007.p.383

SOUSA NETO, Manoel Fernandes de. **Aula de Geografia**. 2.ed. Campina Grande: Bagagem, 2008.

TEDESCO, Juan Carlos. **O Novo Pacto Educativo**: educação, competitividade e cidadania na sociedade moderna. Tradução José Carlos Eufrásio. Vila Nova de Gaia: Fundação Manuel Leão, 2008.

VESENTINI, Jose Willian. A Formação do Professor de Geografia – Algumas Reflexões. In: PONTUSCHKA, Nídia N. e OLIVEIRA, Ariovaldo U. (orgs.). **Geografia em Perspectiva**: Ensino e Pesquisa. São Paulo: Contexto, 2009. p. 235-240.